



Entrevista

Com Prof.^a Dr.^a Regina Maria Giffoni Marsiglia¹

Minha visão era de que deveria juntar uma boa formação teórica com a possibilidade de atuação prática, o que fez com que me decidisse a manter os dois cursos: o de Serviço Social pela manhã e o de Ciências Sociais à noite.

SS&S – Prof.^a Dr.^a Regina Marsiglia, poderia nos contar como foi o seu encontro com o Serviço Social e com a área da saúde?

Prof.^a Regina - Minha aproximação com o Serviço Social aconteceu durante o ensino médio no início dos anos 60, através de dois processos: o primeiro foi a realização de um teste vocacional que apontou minha afinidade com a área de humanas e sociais; e a outra, minha inserção no movimento da Juventude Estudantil Católica (JEC), na perspectiva de se pensar e participar de processos que levassem a mudanças sociais no país. Fiz o Curso Científico na escola pública Presidente Roosevelt, naquele contexto bastante envolvida no movimento estudantil secundarista. Em 1962, fiz o vestibular para a Escola de Serviço Social de São Paulo, agregada à PUCSP e o vestibular para o Curso de Ciências Sociais da USP. Minha visão era de que deveria juntar uma boa formação teórica com a possibilidade de atuação prática, o que fez com que me decidisse a manter os dois cursos: o de Serviço Social pela manhã e o de Ciências Sociais à noite.

Em ambos os cursos tive ótimos professores (Nadir Kfourri, Maria Lucia Carvalho, Padre Corazza, Celso Bandeira de Mello, Florestan Fernandes, Otavio Ianni, Fernando Novais, Luis Pereira, Fernando Henrique e Ruth Cardoso, Francisco Weffort, Maria Isaura P. de Queiroz, e outros tantos, que nos

¹ Assistente Doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC São Paulo. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Saúde & Sociedade. Prof.^a Adjunta da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Coordenadora da área de Ciências Sociais em Saúde do Departamento de Medicina Social. Responsável pela Linha de Pesquisa Ensino na Saúde. Pesquisadora do Observatório de Recursos Humanos em Saúde de São Paulo e do Centro de Estudos Augusto Leopoldo Ayrosa Galvão (CEALAG).

[...] Nessa fase emergiram vários trabalhos e autores que buscavam uma explicação para a singularidade de nossa história e inserção no capitalismo internacional, apenas citando algumas: Sociologia da Sociologia Latino Americana, Sete Teses Equivocadas sobre a América Latina, Teoria da Dependência, Desenvolvimento do Sub Desenvolvimento [...]

estimulavam a pensar a realidade latino americana e brasileira, e, a participar do contexto político desse período).

O contexto social e político pelo qual passava o país favorecia a discussão de novos projetos sociais, e o movimento estudantil era forte e aliado dos movimentos operário e camponês. Ao mesmo tempo, do ponto de vista conceitual, vivia-se a necessidade de encontrar respostas adequadas para a formação social brasileira, na periferia do capitalismo. As lutas pelas Reformas de Base: agrária, bancária, política.....Nessa fase emergiram vários trabalhos e autores que buscavam uma explicação para a singularidade de nossa história e inserção no capitalismo internacional, apenas citando algumas: Sociologia da Sociologia Latino Americana, Sete Teses Equivocadas sobre a América Latina, Teoria da Dependência, Desenvolvimento do Sub Desenvolvimento, de autores como: Otavio Ianni, Rudolf Stavenhagem, Andrew Gunder Frank, F.H. Cardoso e Falleto, bem como o incentivo à leitura direta do Capital. Tivemos contato também com o cinema novo e com o teatro moderno: Glauber Rocha, Paulo Cesar Serracene, Mauríce Capovilla, Jean Claude Bernarder, Oduvaldo Vianna Filho, Augusto Boal, e peças como os Pequenos Burgueses. Muitos desses artistas tinham contato estreito com o meio universitário e nós frequentávamos o cinema e o teatro com regularidade.

Na Escola de Serviço Social passei a participar da política estudantil e já em julho de 1963 participei do Congresso da UNE, realizado em Santo André, São Paulo: foi um congresso muito tenso, cercado por forças do Exército e que contou com a presença de muitos políticos, como Miguel Arrais, Almino Afonso, Paulo de Tarso... Na Diretoria da UNE, terminou seu mandato Vinicius Caldeira Brandt, e foram eleitos José Serra, dentre seus diretores, Duarte Lago Pacheco Pereira, um dos militantes e intelectuais mais argutos, no meu entender. Fui

presidente do Grêmio de Serviço Social (GESS) no ano de 1964, e nos recusamos naquele momento a nos enquadrarmos na denominada Lei Suplicy que instituía os Diretórios Acadêmicos, que não podiam manifestar-se politicamente, a partir da instalação da Ditadura Militar.

Formada em Serviço Social em 1966, continuei a cursar Ciências Sociais, e fui trabalhar como diretora do Serviço de Assistência Social do Município de Osasco (SASMO), na administração do PMDB. O município vivia um contexto de grande ebulição política, com manifestações importantes do movimento dos metalúrgicos, e de outras categorias operárias. Em julho de 1968, nossa equipe de assistentes sociais decidiu pedir demissão, e fui convidada pela professora Mina Berezovsky, que era do Serviço Social Médico do HC, a participar com ela, como professora da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, no Departamento de Medicina Social, onde me encontro até hoje, coordenando a área de Ciências Sociais em Saúde.

[...] Considero, no entanto, que apesar de alguns temores de que haja uma especialização precoce e indevida para atuação na área de saúde, na formação básica dos assistentes sociais, é preciso lembrar que o Serviço Social começou na área de saúde.

SS&S – A Senhora tem uma trajetória de referência na área de pesquisa em Serviço Social e na área da Saúde, participando ativamente dos debates, da produção de conhecimento e das Conferências de Saúde. Como analisa a inserção do Serviço Social na Saúde a partir do Movimento da Reforma Sanitária e da implantação do SUS?

Prof.^a Regina - Concordo com a análise da colega Maria Inês Bravo de que a participação do Serviço Social no movimento da Reforma Sanitária não foi equivalente ao crescimento do mercado de trabalho para os assistentes sociais na área no período. Considero, no entanto, que apesar de alguns temores de que haja uma especialização precoce e indevida para atuação na área de saúde, na formação básica dos assistentes sociais, é preciso lembrar que o Serviço Social começou na

[...] vejo muitas semelhanças e correspondências entre o Movimento da Reforma Sanitária e a nascente área da Saúde Coletiva e as transformações na abordagem do Serviço Social, que levou ao Movimento de Intenção de Ruptura.

área de saúde. No final do século XIX, a atuação em relação à doença na maioria das vezes não se distinguia de ações de assistência social, numa perspectiva de caráter filantrópico, antes que o Estado as assumisse com política pública, baseada nos direitos de cidadania.

No caso do Brasil, o contexto dos anos 60/70, nos remeteu à busca de explicações mais adequadas à nossa própria formação social, e assim como nas Ciências Sociais se buscou novas perspectivas teóricas, com a incorporação do materialismo histórico, vejo muitas semelhanças e correspondências entre o Movimento da Reforma Sanitária e a nascente área da Saúde Coletiva e as transformações na abordagem do Serviço Social, que levou ao Movimento de Intenção de Ruptura. Talvez esta seja uma das possíveis explicações para a reduzida presença dos assistentes sociais na Reforma Sanitária, pois que envolvidos com as transformações em seu próprio campo.

A implantação do SUS reforçou a incorporação de assistentes sociais nos serviços de saúde, de todos os níveis, e mesmo na gestão dos serviços, especialmente nas administrações públicas de nível municipal, acompanhando o processo de “descentralização” do emprego que ocorreu na área da saúde no país. E, mais recentemente, o processo de terceirização na prestação dos serviços públicos.

SS&S – Considerando o fato que a saúde incorpora diversas profissões em suas formas de atenção, como a senhora analisa a questão da residência multidisciplinar para a saúde?

Prof.^a Regina – A residência, historicamente se constituiu como um nível de formação prática e certa especialização de médicos. Quando se propôs sua ampliação para outras profissões da área da saúde, houve resistências da Comissão Nacional de Residência Médica que assessorava o MEC.

A residência, historicamente se constituiu como um nível de formação prática e certa especialização de médicos. Quando se propôs sua ampliação para outras profissões da área da saúde, houve resistências da Comissão Nacional de Residência Médica que assessorava o MEC.

Particpei na FCMSCSP em parceria com o INPS de uma experiência de Residência Multiprofissional em Saúde Pública, nos anos 80, contemplando médicos, enfermeiros e assistentes sociais. Ao final não pudemos conceder o certificado de residência para enfermeiros e assistentes sociais, porque não havia legislação apropriada, e eles receberam o certificado de especialização em Saúde Pública. A proposta do Ministério da Saúde junto com o MEC atualmente, começando com a Residência Multiprofissional em Saúde da Família, parece ter sido um passo à frente, e a Residência Hospitalar Multiprofissional também. Sou bastante favorável a essas experiências.

SS&S – Professora Regina, a senhora poderia abordar quais são os principais desafios que se colocam à profissão hoje?

Prof.^a Regina – Desafios: o Serviço Social precisa se apropriar urgentemente da produção da Saúde Coletiva, dialogar com ela e participar do avanço do conhecimento sobre os determinantes sociais do processo saúde-doença. Transformar sua experiência e observação, muito importante sobre a realidade social e suas interfaces com a saúde, em uma produção sistemática de conhecimento, que possa subsidiar a análise não só da profissão internamente, mas das demais profissões que participam da área de saúde.

Outro desafio é produzirmos um conhecimento que contemple as particularidades de nossa formação social, com os necessários recortes regionais e institucionais.

Uma questão importante, com a qual não concordo totalmente, é que muitas vezes a profissão vem avocando para si, a tarefa de “garantir os direitos dos usuários” de acesso aos serviços: na minha perspectiva, o êxito desta luta depende muito, em primeiro lugar da organização da população, e, de

nossa capacidade de conseguirmos aliados nas outras profissões para essa mesma luta.

Uma questão importante, com a qual não concordo totalmente, é que muitas vezes a profissão vem avocando para si, a tarefa de “garantir os direitos dos usuários” de acesso aos serviços: na minha perspectiva, o êxito desta luta depende muito, em primeiro lugar da organização da população, e, de nossa capacidade de conseguirmos aliados nas outras profissões para essa mesma luta,

SS&S – Finalizando a entrevista, agradecemos pela sua disponibilidade e a convidamos a deixar uma mensagem aos leitores da Revista?

Prof.^a Regina – Considero que a existência da Revista *Serviço Social & Saúde* é muito importante, para que a categoria possa apresentar suas contribuições específicas para a área de saúde, e para a educação permanente dos assistentes sociais que estão inseridos na área. Parabéns ao Corpo Editorial, pois sabemos quanto é difícil manter uma revista no contexto atual.